

Universidade de Brasília

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

O DESTRAVAMENTO SILÁBICO NO ENSINO MÉDIO

GESSILENE PIRES TEIXEIRA

BRASÍLIA

2015

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA, LINGUAS CLÁSSICAS E PORTUGUÊS- LIP

O DESTRAVAMENTO SILÁBICO NO ENSINO MÉDIO

GESSILENE PIRES TEIXEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial para a obtenção do grau de LICENCIADO EM LETRAS.

ORIENTADORA: Professora Doutora Ulidete Rodrigues de Souza Rodrigues

BRASÍLIA, 2015

Dedico este trabalho a toda a minha família, que durante toda essa longa caminhada me apoiou e esteve ao meu lado torcendo sempre por mim para que eu conseguisse alcançar os meus objetivos. Um agradecimento especial ao meu marido Vanderson Rodrigues por toda a dedicação e companheirismo durante esta jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter-me guiado durante toda a minha vida em caminhos corretos, e ter-me proporcionado estudar nesta Universidade.

Agradeço, também, aos excelentes professores com quem tive a oportunidade de estudar, grandes mestres que me ajudaram a chegar até aqui.

E um imenso agradecimento a minha querida professora e orientadora, que me auxiliou de maneira exemplar durante toda essa caminhada para a conclusão do curso para que eu pudesse alcançar o tão almejado diploma.

O DESTRAVAMENTO SILÁBICO NO ENSINO MÉDIO

Gessilene Pires Teixeira¹

RESUMO: este artigo aborda a temática do destravamento silábico na escrita de alunos do 1º, 2º e 3º anos do ensino médio de uma escola particular e de uma escola pública do Distrito Federal. O objetivo do estudo é verificar se o fenômeno do destravamento silábico, comum na língua falada, já, se manifesta também na língua escrita, o atual panorama relativo a este fenômeno fonético-fonológico da língua portuguesa e identificar as variáveis estruturais e sociais que o condicionam. A pesquisa é de natureza quantitativa, com base metodológica ancorada na Sociolinguística Variacionista. As referências básicas são Mollica (2003), Marcuschi (2001), Cagliari (2009), entre outros. Os resultados alcançados evidenciam que, nesse ambiente, as variáveis linguísticas e extralinguísticas interagem, resultando no fenômeno estudado.

PALAVRAS CHAVE: Sociolinguística Quantitativa - Destravamento Silábico - Ensino Médio

ABSTRACT: This article addresses the issue of unlocking the syllabic writing students from the 1st, 2nd and 3rd years of high school of a private school and a public school in the Federal District. The objective is to verify that the phenomenon of syllabic unlocking, common in spoken language, already, is also expressed in written language, the current outlook concerning this phonetic-phonological phenomenon of Portuguese and identify the structural and social variables that condition. This research is quantitative, with methodological base anchored in Variationist Sociolinguistics. The basic references are Mollica (2003), Marcuschi (2001), Cagliari (2009), among others. The results achieved realize that, in this environment, language and extra-linguistic variables interact with each other, resulting in the phenomenon being studied.

KEY WORDS: Quantitative sociolinguistic - Unlocking Syllabic - High School

¹ Graduanda da Universidade de Brasília (UnB) no Curso de Licenciatura em Língua Portuguesa e respectiva Literatura.

APRESENTAÇÃO

Sabemos que o processo de produção da escrita não é algo naturalmente tão simples, e esse processo se torna ainda mais complicado quando somos detentores de uma gramática com estruturas tão complexas, como é o caso da Língua Portuguesa (LP). Por ser desse modo, é compreensível que a maioria dos falantes não consiga reproduzir na fala o padrão culto da língua, considerado correto de acordo com a gramática normativa. A tendência é a de que, ao não conseguirmos falar adequadamente consoante as prescrições normativas, também, não consigamos escrever corretamente. É dentro desse cenário complexo oralidade-escrita que se situa o fenômeno a ser estudado nessa pesquisa, o destravamento silábico.

Na realidade, são vários os fenômenos que ocorrem na Língua Portuguesa no sentido da simplificação silábica, mas este estudo estará centrado, por uma questão de foco e aprofundamento, na investigação do destravamento silábico — mudança da Sílabo do padrão CVC para o CV, vejamos um exemplo: na palavra *transformar* o falante tende a não pronunciar o “r” final e a sílaba fica da seguinte maneira: *trans - for- ma* (CCACC – CVC – CV). Essa queda do “r” é o que chamamos na sociolinguística de destravamento silábico, que é quando a própria língua acha meios de tornar mais fácil a pronúncia de palavras. Neste trabalho tentaremos identificar se essa mudança do padrão silábico na fala do grupo pesquisado, também já se manifesta na escrita.

Optei por trabalhar com esse tema porque, cada vez mais, torna-se presente a necessidade de estudarmos tais fenômenos linguísticos que estão tão presentes na fala dos brasileiros e, assim, aprendermos a lidar com eles no intuito de auxiliar os alunos em sala de aula. Isso porque, sabemos, esse fenômeno já não é mais tão estigmatizado na fala, mas na escrita, ainda, é muito hostilizado, tornando seus usuários, facilmente alvo de discriminação e preconceito. Além disso, é preciso trazer conscientização sobre a variação linguística aos alunos para que aprendam a valorizar e a respeitarem sua própria fala e a dos outros, pois ela pertence a história de cada um, remete a sua origem e não é necessário envergonharem-se disso, mas no momento em que forem utilizar-se da escrita é necessário saberem utilizar o português padrão, que é a variedade prestigiada do português brasileiro.

Relativamente ao grupo pesquisado e ao fenômeno em baila, de pronto, posso aventar que os alunos do 1º ano do ensino médio tenderão a produzir mais o fenômeno do destravamento silábico, pois, estão saindo do ensino fundamental. Por seu turno, os alunos dos 2º e 3º ano tenderão a manifestar menos o fenômeno devido a sua preparação

para o vestibular e concursos públicos, estando estes sob a égide da correção e da pressão constantemente. Por esse motivo tenderão a monitorar mais o processo da escrita, já que a norma padrão é extremamente cobrada nesse tipo de processo seletivo.

O objetivo desse artigo, então, estará centrado na investigação e análise do destravamento silábico em sala de aula do 1º ao 3º ano do ensino médio em escolas particulares e públicas do Distrito Federal. Será analisado se esses fenômenos que estão solidificados na fala, também, encontram-se do mesmo modo na escrita, que é um ambiente mais monitorado. Serão analisadas as ocorrências, principalmente, em final de palavra e nos verbos em infinitivo, apesar de sua ocorrência dar-se também, em meio de palavras. Para tal análise, as consoantes pós-vocálicas a serem analisadas serão: [r], [l], [m] e [s].

Algumas perguntas emergem do contexto em foco e transformam-se, naturalmente, em nossas questões de pesquisa. São elas: porque está ocorrendo esse fenômeno de destravamento na fala dos brasileiros? Será que esse processo é recente ou vem ocorrendo durante a evolução do português falado no Brasil? Porque algumas consoantes finais como o [s] e o [r] são mais tendenciosas a desaparecerem em detrimento das outras? Essas serão algumas das perguntas que, a despeito da amplitude das respostas que elas possam exigir, tentaremos responder durante esse trabalho, diante do grupo e do *corpus* a ser pesquisado.

A princípio, por ser este um trabalho sociolinguístico, acreditamos que não só fatores internos, os chamados estruturais ou linguísticos, têm motivado tal fenômeno, mas também fatores externos, os quais chamamos de extralinguísticos ou sociais, pois partem de fora para dentro interferindo na língua. Tais fatores são oriundos da sociedade em que vive o falante, como grau de escolaridade, sexo, nível de instrução, nível sociocultural, ambiente familiar dentre outros. Nesse sentido é que desenvolvi minha pesquisa a fim de identificarmos os fatores condicionantes que, em somatória, resultam ocorrência de fenômenos variacionista, como é o caso do nosso objeto de pesquisa, o destravamento silábico.

METODOLOGIA

Esse trabalho é oriundo de pesquisa de campo. Esse tipo de pesquisa consiste na observação dos fatos e fenômenos fazendo uma coleta do que ocorre na realidade a ser pesquisada. Posteriormente, tais dados são interpretados com base em uma

fundamentação teórica sólida com o desígnio de elucidar o problema pesquisado. A pesquisa de campo desse trabalho situa-se dentro da área da Sociolinguística.

O modelo de análise sociolinguística a que este trabalho refere-se é o que se convencionou chamar de “teoria da variação linguística”, modelo teórico-metodológico que tem por princípio a existência de uma ciência da linguagem social, que assume a coexistência de variantes no meio social e que procura analisar a probabilidade do uso dessas variantes. Esse modelo de análise linguística é, também, chamado de “sociolinguística quantitativa”, por operar com números e tratamento estatístico dos dados coletados.

Situando-se no contexto histórico, o termo Sociolinguística fixou-se em 1964. Mais precisamente, surgiu em um congresso, organizado por William Bnght, na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), do qual participaram vários estudiosos, que se constituíram, posteriormente, em referências clássicas na tradição dos estudos voltados para a questão da relação entre linguagem e sociedade, são eles: John Gumperz, Einar Haugen, William Labov, Dell Hymes John Fisher e José Pedro Rona.

A sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Para essa corrente, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação.

Segundo Alkmim (2003), podemos dizer que o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a comunidade linguística, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos. Em outras palavras, uma comunidade de fala caracteriza-se não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam, por meio de redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras.

De acordo com Votre (2008), a sociolinguística parte do princípio de que a variação e a mudança são inerentes às línguas e que, por isso, devem sempre ser levadas em conta na análise linguística. O sociolinguista se interessa por todas as manifestações verbais nas diferentes variedades de uma língua. Um de seus objetivos é entender quais são os principais fatores que motivam a variação linguística, e qual a importância de cada um desses fatores na configuração do quadro que se apresenta variável. O estudo procura

verificar o grau de estabilidade de um fenômeno, se está em seu início ou se completou uma trajetória que aponta para mudança. Em outras palavras, a variação não é vista como um efeito do acaso, mas como um fenômeno cultural motivado por fatores linguísticos (também conhecidos como fatores estruturais) e por fatores extralinguísticos (sociais) de vários tipos (conforme mostraremos através de vários exemplos). A variação ilustra o caráter adaptativo da língua como código de comunicação e, portanto, a variação não é assistemática. O linguista, ao estudar os diversos domínios da variação, deve demonstrar como ela configura-se na comunidade de fala, bem como quais são os contextos linguísticos e extralinguísticos que a favorecem ou inibem.

Bagno (2007, p. 38) esclarece que:

O objetivo central da Sociolinguística, como disciplina científica, é precisamente relacionar a heterogeneidade linguística com a heterogeneidade social. Língua e sociedade estão indissolúvelmente entrelaçadas, entremeadas, uma influenciando a outra, uma constituindo a outra. Para o sociolinguista, é impossível estudar a língua sem estudar, ao mesmo tempo, a sociedade em que essa língua é falada.

No seu campo de estudo a Sociolinguística abrange dois eixos principais: a variação e a mudança. A variação pode ser definida como as transformações coexistentes para um mesmo significado nas comunidades de fala, sejam em níveis morfológicos, fonológicos, sintáticos, regionais e/ou sociais. Contamos com, pelo menos, quatro tipos de variação linguística: variação diacrônica, variação diatópica, variação diastrática e variação diamésica, cujos conceitos apresentaremos a seguir:

- 1) A variação diacrônica tem como objetivo apontar as mudanças que ocorrem naturalmente no tempo e no espaço, pois, por sofrer a influência dos contextos, a língua não permanece estática com o passar do tempo;
- 2) A variação diatópica refere-se às mudanças que ocorrem na língua em diferentes estados ou países que adotam a mesma língua materna;
- 3) A variação diastrática está relacionada às variações linguísticas encontradas nas diferentes camadas da sociedade e podemos relacioná-las diretamente, além da classe social, a outros fatores relevantes para a pesquisa, como o sexo e a idade do falante;
- 4) A variação diamésica focaliza a diferença entre língua falada e escrita.

Na observação e análise dos fenômenos de mudança linguística, processo em que uma das variantes saiu vitoriosa na competição com outras(s) e tem seu uso espalhado e fixado na comunidade, procura-se levar em conta cinco grandes dimensões estabelecidas por Weinreich, Labov e Herzog, em seu estudo clássico de 1968:

- 1) Os fatores universais limitadores da mudança (e variação), que podem ser sociais ou linguísticos;
- 2) O encaixamento das mudanças no sistema linguístico e social da comunidade;
- 3) A avaliação das mudanças em termos dos possíveis efeitos sobre a estrutura linguística e sobre a eficiência comunicativa;
- 4) A transição, momento em que há mudanças intermediárias;
- 5) A implementação da mudança: estudo dos fatores responsáveis pela implementação de uma determinada mudança; explicação para o fato de a mudança ocorrer numa língua e não em outras, ou na mesma língua em outros momentos.

Dentro desta área, o método de estudo desta pesquisa será o quantitativo. Ele surgiu com Willian Labov em meados da década de 1960 com seu estudo sobre o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, no Estado de Massachusetts (USA). Tal método opera com números e tratamento estatístico dos dados coletados, bem como com gráficos e cálculos sistematizados assim:

- 1) Um levantamento exaustivo de dados de língua falada, para fins de análise, dados estes que refletem mais fielmente o vernáculo da comunidade;
- 2) Descrição detalhada da variável, acompanhada de um perfil completo das variantes que a constituem;
- 3) Análise dos possíveis fatores condicionadores (linguísticos e não-linguísticos) que favorecem o uso de uma variante sobre a(s) outra(s);
- 4) Encaixamento da variável no sistema linguístico e social da comunidade: em que nível linguístico e social da comunidade a variável pode ser colocado;
- 5) Projeção histórica da variável no sistema sociolinguístico da comunidade. A variação não implica necessariamente mudança linguística (ou seja, a relação de contemporização entre as variantes). A mudança, ao contrário, pressupõe a evidência de estado de variação anterior, com resolução de morte para uma das variantes.

Diante do arcabouço teórico quantitativo, desenvolvi o trabalho de uma maneira sistemática, conforme previsto pelo próprio modelo. Primeiramente, defini que o estudo seria desenvolvido com produções escritas e que seriam escolhidos, como clientela-alvo, alunos dos 1º, 2º e 3º ano do ensino médio de uma escola particular e de uma escola pública de Brasília. Foram escolhidos alunos dessas séries pela sua proximidade com o final da vida escolar e a realização do vestibular para ingresso em curso superior e

concursos públicos, por isso suas escritas tenderão a ser mais monitoradas. A escolha do meio a ser analisado foi a escrita e não a fala. Tal escolha se deu por ser a escrita um ambiente mais formal, sendo onde é mais exigido um conhecimento da norma padrão da nossa língua, e por isso mais suscetível a controle. Tais fenômenos a serem estudados já são, praticamente, imperceptíveis na fala, mas na escrita são, absolutamente, notórios e altamente corrigidos, se tornando objetos de estigmatização e preconceito linguístico.

O corpus do trabalho, conforme adiantado em linhas anteriores, foi constituído de textos escritos por estudantes do 1º, 2º e 3º ano. Para tanto foi feito um contato com a direção das escolas, no qual obtivemos a autorização para a coleta de dados. Entrei, também, em contato com os alunos, por meio do professor das turmas, que é um amigo meu, sem lhes revelar o verdadeiro objeto da pesquisa. Foi feito o recolhimento de trinta redações de cada ano do ensino médio nas duas escolas. Essas redações são do cotidiano das aulas e os alunos só ficaram sabendo da pesquisa posteriormente a escrita do texto, ou seja, não foram avisados antes para que não pudessem monitorar sua própria escrita e, assim, ocultar os casos de destravamento silábico que estamos procurando.

O que se pretende observar a partir dos dados coletados e analisados, é em quais ambientes o fenômeno de destravamento silábico tem maior manifestação; se o processo é mais recorrente em nomes e verbos do que em outras classes gramaticais e se sua manifestação ocorre mais em meio ou em final de palavra, o que conhecemos como metaplasmos de síncope e apócope.

2. REVISÃO DA LITERATURA

A revisão da literatura, também chamada de “revisão bibliográfica”, visa demonstrar o estágio atual da contribuição acadêmica em torno de um determinado assunto. Ela proporciona uma visão abrangente de pesquisas e contribuições anteriores, conduzindo ao ponto necessário para investigações futuras e desenvolvimento de estudos superiores. Uma boa revisão da literatura ajuda a canalizar as energias do pesquisador a fim de direcioná-lo ao enfoque necessário acerca do tema específico que se pretende estudar, sem se desviar do seu foco. Enfim, ela atesta a relevância acadêmica do trabalho realizado por um pesquisador.

Sendo assim, o fenômeno de estudo deste artigo, como foi dito anteriormente, é o destravamento silábico e o mesmo é trabalhado tanto na sociolinguística variacionista, que é um dos ramos da sociolinguística que escolhi para analisar, como na área da fonética

e da fonologia. Nesta parte do trabalho, então, traremos alguns conceitos dessas áreas para constituirmos os fundamentos da pesquisa. Depois, será realizada uma revisão da literatura que permita dar visibilidade teórica ao fenômeno e os estudos que têm sido desenvolvidos no bojo dos estudos gramaticais, fonético-fonológicos e variacionistas.

2.1. Conceitos da Sociolinguística e da Linguística em geral que serão úteis à análise do Destramento Silábico

Os estudos sociolinguísticos abordam a diversidade linguística a partir de uma microanálise das variedades linguísticas ou, ainda, a partir de uma microanálise dessas variedades. De acordo com Louis-Jean Calvet (2002), para que uma análise seja macro ou micro depende-se muito do ponto sob o qual estamos encarando. Dentro de um contexto familiar, podemos encarar a análise como sendo macro, porém podemos encará-la como micro se comparada à análise de um bairro ou cidade.

No seu livro “Nada na língua é por acaso”, Bagno (2007, p. 36) ressalta:

Ao contrário da norma-padrão, que é tradicionalmente concebida como um produto homogêneo, como um jogo de armar em que todas as peças se encaixam perfeitamente umas nas outras, sem faltar nenhuma, a língua, na concepção dos sociolinguistas, é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução. Ao contrário de um produto pronto e acabado, de um monumento histórico feito de pedra e cimento, a língua é um processo, um fazer-se permanente e nunca concluído. A língua é uma atividade social, um trabalho coletivo, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da "fala ou da escrita.

Neste mesmo livro, Bagno (2007, p. 38) explicita que o objetivo central da Sociolinguística, como disciplina científica, é precisamente relacionar a heterogeneidade linguística com a heterogeneidade social. Língua e sociedade estão indissolúvelmente entrelaçadas, entremeadas, uma influenciando a outra, uma constituindo a outra.

O mesmo autor define dois conjuntos de traços linguísticos no português brasileiro, que são aqueles que aparecem na fala de todos os falantes dessa língua, independentemente de sua origem social, regional etc.; e aqueles que aparecem, principalmente, na fala dos brasileiros de origem social humilde, de pouca ou nenhuma escolaridade, de antecedentes rurais etc. Ao primeiro grupo de traços ele deu o nome de *traços graduais* e ao segundo, o de *traços descontínuos*.

Os traços graduais são aqueles que estão presentes no vernáculo geral brasileiro, isto é, usos linguísticos que aparecem na língua falada por todos os brasileiros e que constitui, assim, aquilo que é realmente nosso na língua, aquilo que nos identifica mais intimamente como falantes do português brasileiro contemporâneo. Como a força do

vernáculo é muito poderosa, aos poucos esses traços característicos vão conquistando espaço, também, nos gêneros textuais mais monitorados, assim, deixando de ser estigmatizados. Exemplo: Redução dos ditongos /ey/ a /e/ e /ay/ a /a/ diante de consoantes palatais ou da vibrante simples: beijo ['bêjo'], cheiro ['chêro'], peixe ['pêxe'], caixa ['caxa'] etc.

Os traços descontínuos são, precisamente, aqueles fenômenos linguísticos que sofrem a maior carga de discriminação e preconceito na nossa sociedade. Por caracterizarem a variedade linguística de falantes com baixo ou nenhum prestígio social, esses traços são rejeitados, repelidos, ridicularizados e evitados a todo custo pelos cidadãos que se acham (ilusoriamente) portadores da língua "certa". Exemplo: eliminação do plural redundante, marcado em geral só nos determinantes: os menino, as casa, aquelas coisa toda etc.

A linguista Marta Scherre em seu artigo “*O preconceito linguístico deveria ser crime*”, afirma que entende-se como preconceito linguístico o julgamento depreciativo, desrespeitoso, jocoso e, conseqüentemente, humilhante da fala do outro ou da própria fala, que, geralmente, atinge as variedades associadas a grupos de menor prestígio social. De acordo com Bagno (1999), é a estigmatização das variáveis linguísticas que leva ao preconceito linguístico, que nada mais é que o preconceito que se dá às variedades linguísticas, variedades essas que são os vários falares de uma língua, de acordo com a classe social, gênero e ocasião, entre outros aspectos. Bagno acrescenta que falar diferente não é falar errado e o que pode parecer erro no português não-padrão tem uma explicação lógica e científica.

Com o amparo da sociolinguística, muito tem-se debatido e apresentado no contexto acadêmico, alertando os futuros educadores para a existência da diferença em oposição à deficiência. Para os sociolinguistas, não existem línguas fáceis ou difíceis, mas línguas diferentes e, portanto, todas são merecedoras de atenção. Ao mesmo tempo, não se pode afirmar que há vocabulário rico ou pobre, mas um vocabulário adequado a cada situação interativa e no ambiente de convívio.

De acordo com Marcuschi (2007), as relações entre fala e escrita não são óbvias nem constantes, pois refletem o dinamismo da língua em funcionamento, e, na maioria das vezes, a distinção entre fala e escrita tem sido feita de maneira ingênua e numa contraposição simplista, sendo colocada sobre a oralidade toda uma carga de preconceito. Portanto, o estudo de cada uma não deve ser separado, mas, sim, usando-se metodologias

e categorias de análise adequadas, pois não são categorias dicotômicas, mas diferentes.

Para Marcuschi (2007, p. 25):

Tanto a fala como a escrita acompanham em boa medida a organização da sociedade. Isso porque a própria língua mantém complexas relações com as formações e as representações sociais. Não se trata de um espelhamento, pois a língua não reflete a realidade, e sim ajuda a constituí-la como atividade. Trata-se, muito mais de uma funcionalidade que está muito presente na fala. A formalidade ou a informalidade na escrita e na oralidade não são aleatórias, mas se adaptam às situações sociais. Essa noção é de grande importância para perceber que tanto a fala como a escrita têm realizações estilísticas bem variadas com graus de formalidade diversos. Não é certo, portanto, afirmar que a fala é informal e a escrita é formal.

Segundo Marcuschi (2007, p. 32), com a expressão “fala”, os falantes designam as formas orais do ponto de vista do material linguístico e de sua realização textual-discursiva. O mesmo acontece com a expressão “escrita”, usada para designar o material linguístico da escrita, ou seja, as formas de textualização na escrita. Às vezes, serão também usadas as expressões “língua falada” e “língua escrita”, mas, como não se trata de duas línguas, os falantes preferem deixar de lado essas expressões, que podem ser usadas desde que se tenha claro que não são duas línguas, e sim dois modos de representação da mesma língua, embora cada um dos dois modos tenha uma história própria, como mostra Claire Blanche-Benveniste (2004), ao evitar reduzir a fala simplesmente ao código oral e a escrita ao código gráfico, pois essas duas tecnologias são muito mais do que dois códigos, já que têm formas de significação que lhes são próprias.

Para o sociolinguista inglês Michael Stubbs (1986, p. 142), o termo oralidade é usado para “referir habilidades na língua falada”. Ele compreende tanto a produção (a fala como tal) quanto a audição (a compreensão da fala ouvida). Não se ensina a fala no mesmo sentido em que se ensina a escrita, pois a fala é adquirida, espontaneamente, no contexto familiar, e a escrita é, geralmente, apreendida em contextos formais de ensino.

2.2. Conceitos da Fonética e da Fonologia

A fonética e a fonologia são ramos da ciência que estudam, cada um com sua especificidade, a realidade da fala. A fonética estuda os sons como entidades físico-articulatórias isoladas (aparelho fonador). Cabe a ela descrever os sons da linguagem e analisar suas particularidades acústicas e perceptivas. Ela fundamenta-se em estudar os sons da voz humana, examinando suas propriedades físicas independentemente do seu “papel linguístico de construir as formas da língua”. Sua unidade mínima de estudo é o som da fala, ou seja, o fone.

A fonologia cabe estudar as diferenças fônicas intencionais, distintivas, isto é, que se unem a diferenças de significação; estabelecer a relação entre os elementos de diferenciação e quais as condições em que se combinam uns com os outros para formar morfemas, palavras e frases. Sua unidade mínima de estudo é o som da língua, ou seja, o fonema.

A fonética e a fonologia são duas disciplinas interdependentes, uma vez que, para qualquer estudo de natureza fonológica, é imprescindível partir do conteúdo fonético, articulatorio e/ou acústico, para determinar as unidades distintivas de cada língua. Desta forma, a fonética e a fonologia não são dicotômicas, pois a fonética trata da substância da expressão, enquanto a fonologia trata da forma da expressão, constituindo, as duas ciências, dentro de um mesmo plano de expressão.

Ferdinand de Saussure, um dos precursores dessa área, no seu Curso de Linguística Geral, 1975, distingue fonética de fonologia. Segundo ele, “a fonética é uma ciência histórica, que analisa acontecimentos, transformações e se move no tempo”. Já a fonologia se coloca fora do tempo, pois o mecanismo da articulação permanece estável de acordo com a estrutura da língua em questão (cf. Saussure, 1975, p. 43).

Na fonética e fonologia, o destravamento silábico, que é o objeto de estudo desse trabalho, é representado pelos metaplasmos, que são as alterações fonéticas que ocorrem em palavras dentro de uma língua em um decorrer de tempo. Entende-se por metaplasmos “as modificações fonéticas ocorridas com a sua evolução. Essas mudanças são facilmente vistas na língua portuguesa, cada geração altera as palavras inconscientemente para atender às necessidades de sua época” (Gomes et al, 2007, p. 3).

De acordo com Botelho & Leite (2005), ao se analisar os metaplasmos, verifica-se que eles podem ocorrer de quatro maneiras: por aumento, por supressão, por transposição e por transformação, e, sendo assim, cada caso constitui um objeto de estudo, que serão demonstrados nas linhas seguintes.

O metaplasmo por aumento ocorre quando inserimos um fonema no vocábulo, aumentando assim a sua forma fonética. Os metaplasmos por transição podem ocorrer “por deslocamento de posição de fonemas em um vocábulo ou por transposição do acento tônico da palavra” (Botelho & Leite, 2005, p. 5). Por sua vez, os metaplasmos por transformação podem ocorrer “quando um fonema de um vocábulo se transforma, passando a ser outro fonema distinto em lugar do primeiro” (Botelho & Leite, 2005, p. 6). Já os metaplasmos por supressão “ocorrem quando suprimimos um fonema de um

vocábulo. Veremos nesse grupo os fenômenos da aférese, da apócope, da síncope e da haplologia” (Botelho & Leite, 2005, p. 4).

Para a análise desses metaplasmos será necessário entender qual é a estrutura silábica do português brasileiro. Bechara (1999 p. 85), Cunha & Cintra (1985 p. 53), Luft (1978 p. 50), entre outros, caracterizam a sílaba da língua portuguesa como um fonema ou grupo de fonemas emitido num só impulso expiratório, cujo elemento essencial é a vogal.

As sílabas são classificadas quanto a sua constituição em:

1. Simples: quando é constituída apenas por uma vogal.
2. Composta: quando é constituída por mais de um fonema.
3. Aberta (ou livre): são as sílabas compostas terminadas por vogal.
4. Fechada (ou travada): são as sílabas compostas terminadas por consoante ou semivogal.

De acordo com Waldemar Ferreira Neto (2001 p.146), observando a estrutura interna da sílaba portuguesa de forma ainda mais detalhada, verifica-se que são possíveis as seguintes combinações: Lembrando que V = vogal, C = consoante e S = semivogal.

- a) V: Sa.**ú**.va
- b) VC: **Or**.dem
- c) CV: **Me**.sa
- d) CCV: **Pra**.to
- e) CVC: **Por**.ta
- f) CVCC: **Pers**.pi.caz
- g) CCVC: **Fler**.tar
- h) CCVCC: **Trans**.por.te
- i) VS: **Ou**.tro
- j) VSC: **Eis**
- k) CVS: **Coi**.sa
- l) CCVS: **Trou**.xe
- m) CVSC: **Caus**.ti.co
- n) CCVSC: An.ces.**trais**

Segundo Thais Cristófaros (2007, p. 154), o padrão da sílaba do português brasileiro é definido assim: C1C2VV'C3C4 ou C1C2V'VC3C4, onde C (consoante); V (vogal); V' (glide). Cristófaros continua dizendo que a vogal é o núcleo da sílaba e, portanto, obrigatória, já as consoantes preenchem as partes periféricas da sílaba, sendo

opcionais e podendo ser prevocálicas quando ocorrem antes da vogal ou posvocálicas quando ocorrem após a vogal.

As posições de consoante e vogal são preenchidas no português brasileiro da seguinte maneira:

TABELA 1

C1	C2	V'	V	C3	C4
/p/ /b/	/t/	/y/	/a/	/S/	/S/
/t/ /d/	/l/	/w/	/e/	/L/	
/k/ /g/			/i/	/N/	
/f/ /v/			/o/	/R/	
/s/			/u/		
/z/					
/ʃ/					
/ʒ/					
/R/					
/r/					
/m/ /n/ /ɲ/					
/l/ /ʎ/					

Diante da compreensão de como se organiza a sílaba do português brasileiro, neste trabalho, será dada maior ênfase ao estudo da apócope, que pertence aos metaplasmos de supressão dentro da sílaba, sendo este o foco da nossa pesquisa. De acordo com Botelho & Leite (2005), a apócope refere-se ao nome dado ao fenômeno pelo qual se suprime um fonema no final do vocábulo, como por exemplo: bobagem > bobage; quer > qué; saber > sabê; passar > passá; parênteses > parêntese; furúnculo > furunco; lâmpada > lampa; rapaz > rapá, e pôr > pô.

2.3. Obras e autores consultados

As obras estudadas durante todo o curso de Letras, além das específicas para a elaboração desse trabalho foram de suma importância para o seu bom desenvolvimento e andamento. Os autores escolhidos para embasarem este estudo possuem grande notoriedade em suas respectivas áreas de pesquisa, além de uma gama de obras publicadas. Para o prosseguimento deste trabalho então, as obras serão apresentadas da seguinte maneira: primeiramente as gramáticas, depois os estudos sociolinguísticos e, por último, os estudos fonético-fonológicos.

Na gramática de Celso Cunha e Lindley Cintra (1985), não há referência explícita sobre o fenômeno estudado neste trabalho, há apenas uma breve passagem sobre o

contexto social da fala e da variação linguística no capítulo 1 (conceitos gerais), mas nada aprofundado.

Em outra gramática analisada, que é a de Melo Mesquita (1995), acontece o mesmo que a gramática anterior, não há referências sobre o fenômeno estudado aqui, o que existe também é uma breve explicação sobre o contexto social da fala no capítulo 1 (o homem e a linguagem), mas nada muito aprofundado.

Numa terceira gramática analisada, Celso Cunha e Lindley Cintra (2008), ocorre o mesmo que nas outras duas anteriores, não existe nada em relação ao fenômeno do destravamento silábico, que é o objeto do nosso estudo. O que existe é somente uma breve contextualização sobre o contexto social da fala no capítulo 1 (conceitos gerais).

Nos estudos sociolinguísticos, pode-se ver como o fenômeno do destravamento silábico se manifesta através das consoantes pós-vocálicas analisadas aqui: [r], [m], [s] e [l]. Para Votre as pesquisas mostram que o “r” final de verbo no infinitivo é, na maioria das vezes, mais eliminado da fala de informantes de todos os graus de escolaridade do que o “r” final de substantivos e adjetivos. A variável escolaridade, por exemplo, é relevante para a descrição do fenômeno, dado que os falantes com mais tempo de escolarização tendem a manter o “r” mais do que os analfabetos. Ambos os grupos tendem a manter mais no caso dos substantivos do que com verbos.

A consoante pós-vocálica [m] é trabalhada por Marta Scherre (2007, p. 34) na variação na concordância verbal, que tem um componente que parece puramente fonológico quando o plural *comem* [komí] se reduz à forma singular *come* [komi], a única diferença existente pode ser a perda da nasalização da vogal não acentuada final. Tal regra existe atualmente no português do Brasil e opera variavelmente também sobre formas não-verbais do tipo *garagem*, *homem*, *virgem* etc., em que se observa a possibilidade das formas *garage*, *home*, *virge*. Scherre fala que a desnasalização ocorria na fala popular de Portugal e acontecia tanto em nomes como em verbos e que há evidências de que tal fenômeno não é específico do Português do Brasil, sua origem se remete a tempos pré-clássicos.

Em relação a consoante pós-vocálica [s], Scherre (2007, p. 32) afirma que na história das línguas românicas em geral, temos muitas evidências de queda ou enfraquecimento do -s final. Já nos dialetos itálicos pré-românicos, encontramos frequente omissão do -s final e, nas inscrições latinas primitivas, encontra-se o -s omitido livremente. Mesmo no latim clássico o -s era apagado sob certas circunstâncias. Desses fatos conclui-se que o -s final, dificilmente, era pronunciado na língua popular de

qualquer fase da história do latim. A hipótese de que o processo da queda do -s final no português do Brasil tenha tido seu início no português dialetal da Europa, que, por sua vez, estava apenas dando continuidade a uma deriva pré-românica.

Heliana Mello em um de seus trabalhos discorda da autora citada anteriormente, e em seu estudo afirma não ter encontrado evidências, nos dados consultados, que confirmassem a afirmação de Naro e Scherre (1993, p. 444) sobre a possível origem fonológica no Português Arcaico para o apagamento de -s de sílaba final, que como indicado afeta o paradigma de concordância de número no SN do PNP.

Mollica (2003), em outro estudo, feito em seu livro “Da linguagem Coloquial à Escrita Padrão”, demonstra a análise feita com falantes de uma escola pública do Rio de Janeiro no qual se deu por meio de testes aplicados aos alunos, nos quais eles deveriam responder a algumas perguntas. Os objetos de estudo foram a vibrante em posição final e medial, e o destravamento da nasal e da sibilante. As variáveis controladas no teste foram, nível de escolaridade, sexo, idade, extensão do vocábulo, precedência de segmento, classe de palavras e tonicidade. Por meio deste estudo foi constatado pela autora (Mollica, 2003, p. 50) que:

- devido à maior dificuldade por parte dos alunos de recuperar a vibrante medial e final, na escrita, em palavras trissílabas e principalmente em polissílabas, é importante lembrar ao professor a necessidade de iniciar ou reforçar seu trabalho pelas palavras maiores;
- o problema do cancelamento da vibrante em posição medial na escrita é praticamente resolvido na 4ª série, sendo a 1ª e 2ª série os pontos de partida para que já se inicie um trabalho criterioso;
- já os casos em posição final, por estar em franca operação na língua em estágio avançado de cancelamento, devem receber mais atenção no processo escolar, pois a recuperação na escrita do segmento vibrante é mais difícil;
- a instrução criteriosa segundo os parâmetros testados é importante: grupos monitorados que receberam orientação quanto ao fenômeno testado registraram, na escrita, muito mais os segmentos com provável cancelamento na fala;
- grosso modo, pudemos observar o isomorfismo fala/escrita ao considerar a variável tonicidade silábica. Os resultados reafirmam o princípio de que se devem trabalhar inicialmente os aspectos mais difíceis;

- O segmento vibrante em posição final é mais cancelado, na fala, em sílabas tônicas e em formas verbais infinitivas, conseqüentemente é menos representado ortograficamente;
- Confirma-se igualmente a influência marcante da vogal precedente, apontada nos estudos sobre a fala como importante: trata-se de um parâmetro também interessante para o processo de apropriação da escrita em português, que se complementa à variável categoria gramatical;
- Vale retornar à questão do tamanho dos itens, relacionada também ao fenômeno de destravamento silábico pelo traço de nasalidade. Os vocábulos pequenos não oferecem qualquer problema ao aprendiz, já as palavras maiores apresentam-se como candidatos a que o alfabetizando deixe de representar, na escrita, a nasal através do grafema *m*;
- O contato com a escrita mostra-se como a melhor estratégia no caso de representar a sibilante. O contexto que merece atenção é o da sílaba átona e apenas algumas palavras oferecem dificuldades no letramento.

Mollica (2003), após os estudos dos dados e conclusões alcançadas conforme citado acima, propõe propostas pedagógicas aos professores dos primeiros estágios de aprendizagem do português escrito com dicas de exercícios e como eles podem trabalhar a aprendizagem em sala de aula.

No artigo *Apócope do /r/ em graduados de uma cidade dos Campos Gerais, no Paraná: análise sociolinguística*, as autoras Vanessa Ribeiro, Vanessa Veis Ribeiro e Loremi Loregian-Penkal trabalham com a queda do /r/ em falantes cultos da Cidade de Campos Gerais no Paraná. Segundo as autoras, foram realizadas entrevistas com 8 indivíduos “da cidade de Irati, PR, estratificados de acordo com sexo, faixa etária e escolaridade. A faixa etária dos indivíduos variou de 20 a 50 anos, sendo 4 homens e 4 mulheres, todos possuindo graduação completa”. O objetivo da análise foi retratar se as variáveis faixa etária e sexo são relevantes no que se refere à queda do /r/ no contexto universitário. Após análise de dados as autoras em destaque (Ribeiro; Ribeiro; Penkal, 2011 p. 297) chegaram à seguinte conclusão:

- Com base na análise dos dados podemos concluir que, em nosso estudo, foi visível esta diferenciação em relação ao fator *sexo*: as mulheres apresentam maior tendência ao apagamento do /r/ final durante a fala espontânea;
- No que se refere à análise por *faixa etária*, percebemos que este fator exerce grande influência, pois, como abordado em nosso estudo, anteriormente

observamos que os falantes de 35 a 50 anos apresentam percentuais mais elevados de apagamento do /r/, principalmente no contexto de *pausa*. Esta questão é de suma importância sendo que este estudo difere dos demais apresentados, já que o contexto *pausa* é uma questão mais perceptível ao interlocutor;

- Em se tratando da análise por *classe gramatical* obtivemos que o contexto que mais propiciou a queda do /r/ foi a classe gramatical dos “verbos”, o mesmo se aplica à condição de análise da *tonicidade* das palavras, na qual se registrou que as oxítonas preponderaram em cem por cento dos casos.

Nas obras sociolinguísticas analisadas para a elaboração deste trabalho, não foram encontradas citações a respeito da consoante pós-vocálica /l/. Isso, provavelmente, deve-se ao fato de esse fenômeno ser mais comum nos traços descontínuos e com pouco uso na classe prestigiada, sendo assim característico da fala considerada menos culta, sem prestígio, daí sua quase “invisibilidade”. Exemplo: mal = má; coronel = coroné.

No âmbito dos estudos fonético-fonológicos, Heliana Mello (1999, p. 345) afirma que um dos fenômenos fonológicos mais interessantes do Português não-padrão (PNP) é encontrado na simplificação da estrutura silábica, especialmente no que diz respeito à quebra de grupos consonantais pela inserção de vogais e apagamento de consoantes (destravamento silábico). Entretanto, um dos processos fonológicos que, aparentemente, estavam em andamento no Português Arcaico e que se manifestou no PNP é a desnasalização das vogais átonas em sílabas finais. Esse processo desencadeia uma maior homogeneização morfológica no paradigma verbal, no qual se encontram formas como *compru < compr-u < compram*.

No estudo da consoante pós-vocálica /l/, Faraco (1991, p.12) afirma que se contrastarmos o Português falado hoje na maioria das regiões brasileiras por pessoas de gerações bem diferentes, vamos observar, por exemplo, que na fala dos mais idosos (digamos, a geração de 75 anos) o último som de palavras como *mal, papel, lençol* é ainda, no mais das vezes, uma consoante lateral, semelhante ao primeiro som de palavras como *lama, leite, lado*; enquanto na fala das outras gerações o último som é a semivogal /w/, idêntica ao último som de palavras como *mau, céu, vendeu* (principalmente entre os falantes da classe média urbana). Houve, aí, um processo de mudança sonora que alterou a realização do /l/ em fim de sílaba e cujas formas antiga e nova ainda coexistem, embora a mudança já esteja praticamente consolidada em todo o Brasil, sobrevivendo a forma antiga apenas em algumas variedades regionais ou na fala das gerações mais velhas.

Considerando todo o aparato dos pressupostos teóricos e todo o aporte de renomados pensadores e linguistas aqui citados, entrarei no próximo item, de fato, no conteúdo que deu origem a este estudo. Observarei na análise a seguir se o fenômeno do destravamento silábico encontra-se presente na escrita de alunos do 1º, 2º e 3º ano do ensino médio.

3. O DESTRAVAMENTO SILÁBICO NA LÍNGUA E NA ESCOLA

3.1. Variáveis Sociais

As variáveis sociais estudados pela Sociolinguísticas associam-se às diferenças entre grupos socioeconômicos e a aspectos relacionados ao próprio informante, compreendendo variáveis independentes ou fatores condicionadores como faixa etária, grau de escolaridade, procedência, profissão, classe social etc. No atual estudo, as variáveis sociais analisadas serão a classe social e a escolaridade, posto que as duas estão intimamente ligadas, na maioria das vezes, estando a variável escolaridade refletida na variável social e vice-versa.

3.1.1. Classe Social

A variação classe social é muito relevante nesse estudo, pois no Brasil o grau de escolaridade da população está diretamente ligado a questões de classe social, pois quanto mais alta for a classe social a qual pertence o indivíduo, mais alto será seu grau de escolaridade. Visto que nem todos têm acesso ao estudo, e quando tem esse se mostra muito inferior (na maioria das vezes, de péssima qualidade) em relação ao ensino oferecido pela rede particular de ensino, acaba ocorrendo uma diferença gritante entre o ensino de escola particular e o ensino da escola pública, aprofundando ainda mais as desigualdades existentes entre as camadas da sociedade.

No artigo *a pesquisa variacionista: princípios de investigação* (2010, p. 74), as autoras Raquel Meister Ko Freitag e Geralda de Oliveira Santos Lima destacam que é possível, também, que a influência da variável escolaridade reflita, na verdade, a ação da variável classe social. Se assim for, as consequências são ainda mais perversas, pois não se modicam variantes linguísticas, mas sim, excluem-se os indivíduos que não possuem determinadas variantes linguísticas.

Com base nos dados coletados para a análise do fenômeno estudado, seguem as tabelas 2 (páginas 23 e 24) e 3 (página 26) em que são registrados os casos de

destravamento para as consoantes 3 (C3) do português, de acordo com a classe social representada pela escolarização de cada aluno e o tipo de escola frequentada pelo mesmo.

TABELA 2

C3	1º ano		2º ano		3º ano	
	Escola Particular	Escola Pública	Escola Particular	Escola Pública	Escola Particular	Escola Pública
/R/	..devemos guarda(r) seu legado...	..mas parou de estuda(r)... ..que eu vou me casa(r) em dezembro... ..quando fui percebe(r) já era... ..ele o aconselhou para(r) com tudo...	Sem realização	..precisamos esta(r)... ..nas maquinas lava(r) roupa.. ..quando vamos limpa(r) a casa...	Sem realização	...deveria have(r) limite... ..muitas vezes ofende(r) as pessoas... ..por tanto utiliza(r) o humor... ...como meio de proporciona(r) amizades.. ...e se integra(r) na sociedades...
/N/	..nossos descendentes possa(m) evoluir... ..segregação de culturas e povos ocorre(m)...	..da minha memória estava(m) guardados... ..adultos que precocemente decide(m) ter seu filho... ..momentos que não se pode(m) voltar... ..como seus amigos era(m) muito gente boa... ..e diziam o quanto sentiu(ram) minha falta... ..minha mãe e minha tia sempre fala(m) de namorado	..além de roubar(em) o nosso dinheiro... ..esses corruptos não respeita(m) a vida...	..e as pessoas morrerá(m).. ..fatores que acontece(m) em nossa.. ...dados do IBGE revela(m)... ..se as pessoas usasse(m) com... ..evidentemente evitaria(m) muitos desperdícios..	..colonizadores europeus ainda aliena(m)... ..elas pode(m) se arrepender..	..piadas de mal gosto ofende(m) e oprime(m) a vitima... ...os humoristas deve(m) fazer... ...para fazer piadas e acaba (m) praticando.. ..muitas delas que não consegue(m) se livrar... ..porque muitos se refugia(m)... ...fazendo brincadeiras onde pode(m) tornar...

		..meu pais colocou(ram) eu e meus irmãos...				
/S/	..morais ou étnicos, o(s) acontecimentos... ..suas línguas, seu(s) líderes.. ..seríamos pessoa(s) sem cultura.. ..as lembranças de nosso(s) antepassados... ..para seus próprio(s) familiares...	..se teve acontecimento(s) importantes... ..as amizade(s) são muito... ..meus cachorro(s) são...	..portanto, ao criarmos uma família....	..precisamos esta(r) atento(s) ao uso... ..nas maquinas lava(r) roupa(s)..	..quantas coisas ela(s)...; ..milésimos de Segundo(s)... ..milésimos de Segundo(s)... ..milésimos de Segundo(s)... ..conhecer a si mesmo e a(s) suas... ..inferior ao(s) demais...	...os mesmo(s) usam... ...e se integra(r) na(s) sociedades.. ..com traumas psicológicos, muito(s) deles...
/I/	S/R	S/R	S/R	S/R	S/R	S/R
TOTAL	8	14	3	12	8	16

3.1.2. Escolaridade

O controle da variável escolarização é bastante recorrente na Sociolinguística. Não possuindo critérios seguros para estratificar informantes em classes sociais, a alternativa encontrada pelos estudiosos da área foi a estratificação por níveis de escolarização. Para Bortoni-Ricardo (2004, p.48), os anos de escolarização de um indivíduo e a qualidade das escolas que frequentou, também, influencia em seu repertório sociolinguístico. Sendo esses fatores intimamente ligados ao estatuto socioeconômico da sociedade brasileira.

A variação escolaridade é essencial para a análise do fenômeno estudado neste trabalho devido a um imenso contingente da população brasileira ser excluída do direito a escolarização formal, acarretando assim a não dominação da língua padrão (prestigiada), ocasionando a discriminação linguística e o não pertencimento a classes sociais mais altas. Sendo, portanto, a ocorrência das variantes linguísticas prestigiadas correlacionadas, socialmente, à variável escolaridade.

Com base nos dados coletados para análise, segue tabela com os dados analisados para o trabalho. Na Tabela 4 (página 27), encontram-se registradas todas as ocorrências do fenômeno encontradas durante a análise do material.

TABELA 3

Série/C3	Escola Pública			
	/R/	/N/	/S/	/I/
1º ano	<p>..mas parou de estuda(r)...</p> <p>..que eu vou me casa(r) em dezembro...</p> <p>..quando fui percebe(r) já era...</p> <p>..ele o aconselhou para(r) com tudo...</p>	<p>..da minha memória estava(m) guardados...</p> <p>..adultos que precocemente decide(m) ter seu filho...</p> <p>..momentos que não se pode(m) voltar...</p> <p>..como seus amigos era(m) muito gente boa...</p> <p>..e diziam o quanto sentiu(ram) minha falta...</p> <p>..minha mãe e minha tia sempre fala(m) de namorado</p> <p>..meu pais colocou(ram) eu e meus irmãos...</p>	<p>..se teve acontecimento(s) importantes...</p> <p>..as amizade(s) são muito...</p> <p>..meus cachorro(s) são...</p>	S/R
2º ano	<p>..precisamos esta(r)...</p> <p>..nas maquinas lava(r) roupa..</p> <p>..quando vamos limpa(r) a casa...</p>	<p>..e as pessoas morrera(m)..</p> <p>..fatores que acontece(m) em nossa..</p> <p>...dados do IBGE revela(m)...</p> <p>..se as pessoas usasse(m) com...</p> <p>..evidentemente evitaria(m) muitos desperdícios..</p>	<p>..precisamos esta(r) atento(s) ao uso...</p> <p>..nas maquinas lava(r) roupa(s)..</p>	S/R
3º ano	<p>...deveria have(r) limite...</p> <p>..muitas vezes ofende(r) as pessoas...</p> <p>..por tanto utiliza(r) o humor...</p> <p>...como meio de proporciona(r) amizades..</p> <p>...e se integra(r) na sociedades...</p>	<p>..piadas de mal gosto ofende(m) e oprime(m) a vitima...</p> <p>...os humoristas deve(m) fazer...</p> <p>...para fazer piadas e acaba (m) praticando..</p> <p>..muitas delas que não consegue(m) se livrar...</p> <p>..porque muitos se refugia(m)...</p> <p>...fazendo brincadeiras onde pode(m) tornar...</p>	<p>...os mesmo(s) usam...</p> <p>...e se integra(r) na(s) sociedades..</p> <p>..com traumas psicológicos, muito(s) deles...</p>	S/R
TOTAL	12	19	8	0

TABELA 4

Série\C3	Escola Particular			
	/r/	/m/	/s/	/l/
1º ano	..devemos guarda(r) seu legado...	..nossos descendentes possa(m) evoluir... ..segregação de culturas e povos ocorre(m)...	..morais ou étnicos, o(s) acontecimentos... ..suas línguas, seu(s) líderes.. ..seríamos pessoa(s) sem cultura.. ..as lembranças de nosso(s) antepassados... ..para seus próprio(s) familiares...	S/R
2º ano	Sem realização	..além de roubar(em) o nosso dinheiro... ..esses corruptos não respeita(m) a vida...	..portanto, ao criarmos(s) uma família....	S/R
3º ano	Sem realização	..colonizadores europeus ainda aliena(m)... ..elas pode(m) se arrepender..	..quantas coisas ela(s)...; ..milésimos de Segundo(s)... ..milésimos de Segundo(s)... ..milésimos de Segundo(s)... ..conhecer a si mesmo e a(s) suas... ..inferior ao(s) demais...	S/R
TOTAL	1	6	12	0

3.2. Variáveis linguísticas

As variáveis linguísticas selecionadas para análise, neste trabalho, foram as classes de palavras (nomes e verbos) e extensão do vocábulo (monossílabo, dissílabo, trissílabo e outros), a escolha dessas variáveis deu-se pelo fato de tais variáveis abordarem de uma maneira mais ampla o fenômeno do destravamento silábico, uma vez que o macro fenômeno focalizado aqui ocorre como microfenômeno em outras áreas da língua portuguesa.

Mollica, autora na qual se embasa maior parte deste trabalho, em seu estudo de caso sobre a extensão do vocábulo destaca o seguinte (2003, p. 34):

De acordo com o tamanho da palavra, a presença de um segmento muitas vezes não realizado na fala dificulta a solução por parte do aprendiz do problema ortográfico: é mais difícil, por exemplo, escrever o *erre* da palavra *acordar* do que da palavra *flor*, do mesmo modo que é menos propícia a ocorrência do registro das vibrantes em palavras como *conversando* do que em palavras pequenas como *urso*.

Sobre as classes de palavras (nomes e verbos), não há no trabalho da autora alguma explicação sobre a escolha dessa variável. O que, de pronto, pôde-se perceber com a análise dos dados coletados foi que o fenômeno do destravamento silábico, no tocante à variável classe de palavras, ocorre mais nos verbos do que em nomes, ao passo que, na variável extensão do vocábulo, o fenômeno ocorre mais em palavras trissílabas ou mais, conforme demonstrado nas tabelas 5 e 6, logo abaixo.

TABELA 5

Nomes		Verbos	
Esc. Pública	Esc. Particular	Esc. Pública	Esc. Particular
/R/		guarda(r); esta(r); lava(r) estuda(r); limpa(r); have(r) casa(r); ofende(r); utiliza(r) percebe(r); proporciona(r) para(r); integra(r)	guarda(r)
/N/		estava(m); decide(m) pode(m); era(m); fala(m) sentiu(ram); colocou(ram) morrera(m); acontece(m) revela(m); usasse(m) evitaria(m); ofende(m) oprime(m); deve(m) acaba(m); consegue(m) refugia(m); pode(m)	possa(m); ocorre(m) roubar(em); respeita(m) aliena(m); pode(m)

/S/	acontecimento(s); amizade(s); na(s) cachorro(s); atento(s) roupa(s); mesmo(s) muito(s)	o(s); seu(s); pessoa(s); ao(s) nosso(s); próprio(s); ela(s) criarmo(s); Segundo(s) 3; a(s)		
/I/	S/R	S/R	S/R	S/R
Total	8	12	32	7

TABELA 6

Ext.Vocab.	/S/		/N/		/R/		/I/		Total
	Esc. Púb.	Esc. Part.	Esc. Púb.	Esc. Part.	Esc. Púb.	Esc. Part.	Esc. Púb.	Esc. Part.	
Monossílabo	na(s)	o(s); ao(s) ela(s); a(s) seu(s)	S/R	S/R	S/R	S/R	S/R	S/R	6
Dissílabo	roupa(s) mesmo(s) muito(s)	nosso(s) próprio(s)	pode(m) fala(m) deve(m) pode(m) era(m)	possa(m) pode(m)	guarda(r) esta(r) lava(r) limpa(r) have(r) casa(r) para(r)	guarda(r)	S/R	S/R	20
Trissílabo e outros	acontecimento(s) amizade(s) cachorro(s) atento(s)	pessoa(s) criarmo(s) Segundo(s)	estava(m) decide(m) sentiu(ram) colocou(ram) morrera(m) acontece(m) revela(m) usasse(m) evitaria(m) ofende(m) oprime(m) acaba(m) consegue(m) refugia(m)	ocorre(m) roubar(em) respeita(m) aliena(m)	estuda(r) ofende(r) utiliza(r) percebe(r) proporciona(r) integra(r)	S/R	S/R	S/R	31

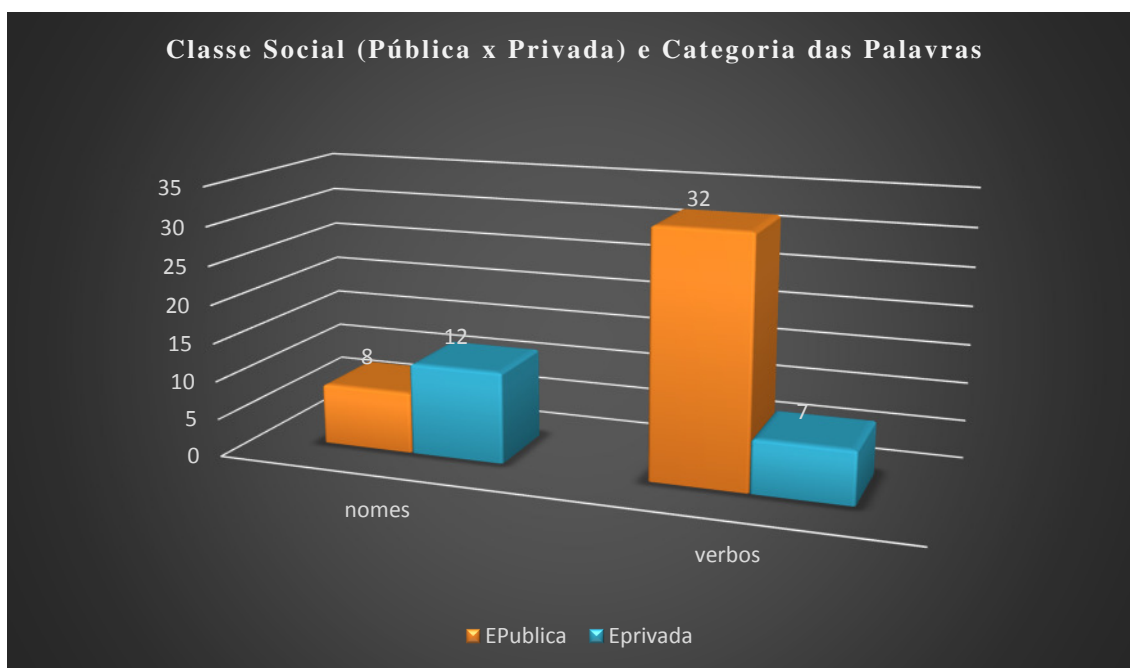
3.3. Cruzamento dos dados

Nesta seção destinada ao cruzamento dos dados, a análise estará centrada no tratamento do macro fenômeno que é o destravamento silábico e que engloba as variáveis

sociais (classe social e escolaridade) e as variáveis linguísticas (classe de palavras e extensão do vocábulo). Não será compreendido detalhamento de cada consoante pós-vocálica focalizada, pelo fato de o cruzamento dos dados sociais e linguísticos, em linhas gerais, oferecer suficiente e adequado tratamento para os dados relativos às ocorrências do destravamento silábico.

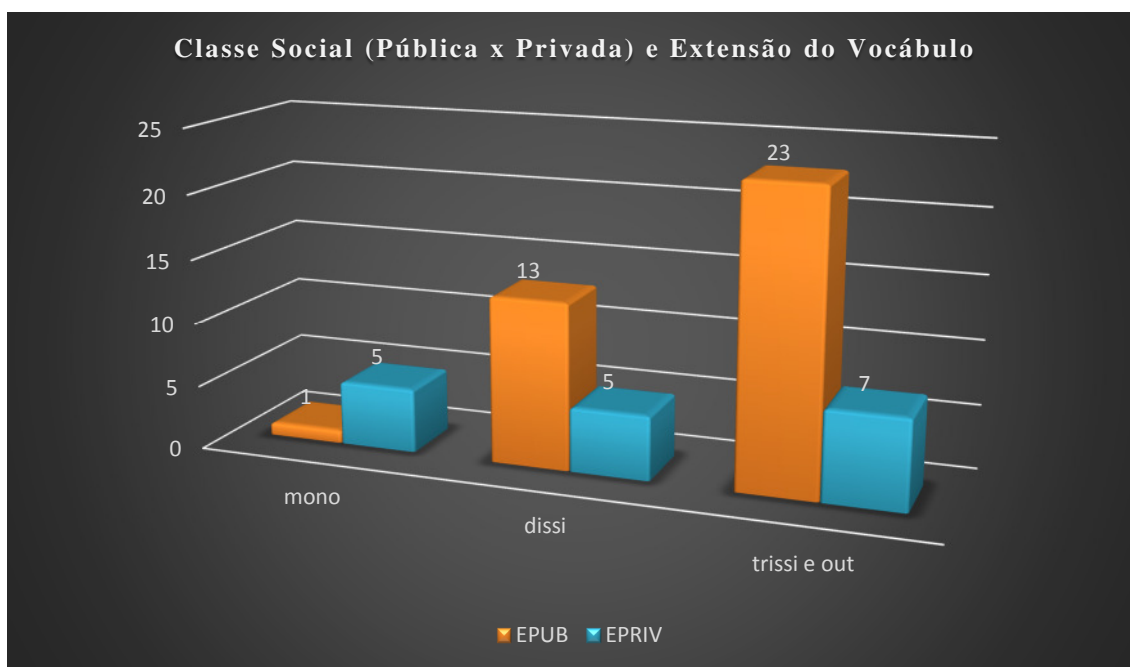
Isso posto, nas próximas linhas, apresentam-se os gráficos de (1) a (4) com os resultados encontrados e faz-se, logo, após, os comentários relacionados aos mesmos.

Gráfico 1



Nesse primeiro gráfico será feita a análise da variável classe social (escola pública x escola privada) com a categoria das palavras, e pode-se perceber que 40% dos alunos da escola pública realizam o fenômeno do destravamento silábico na categoria de palavras “nomes”, enquanto que os alunos da escola particular realizam 60%, demonstrando que, nessa categoria, os alunos da escola particular enfrentam maior dificuldade.

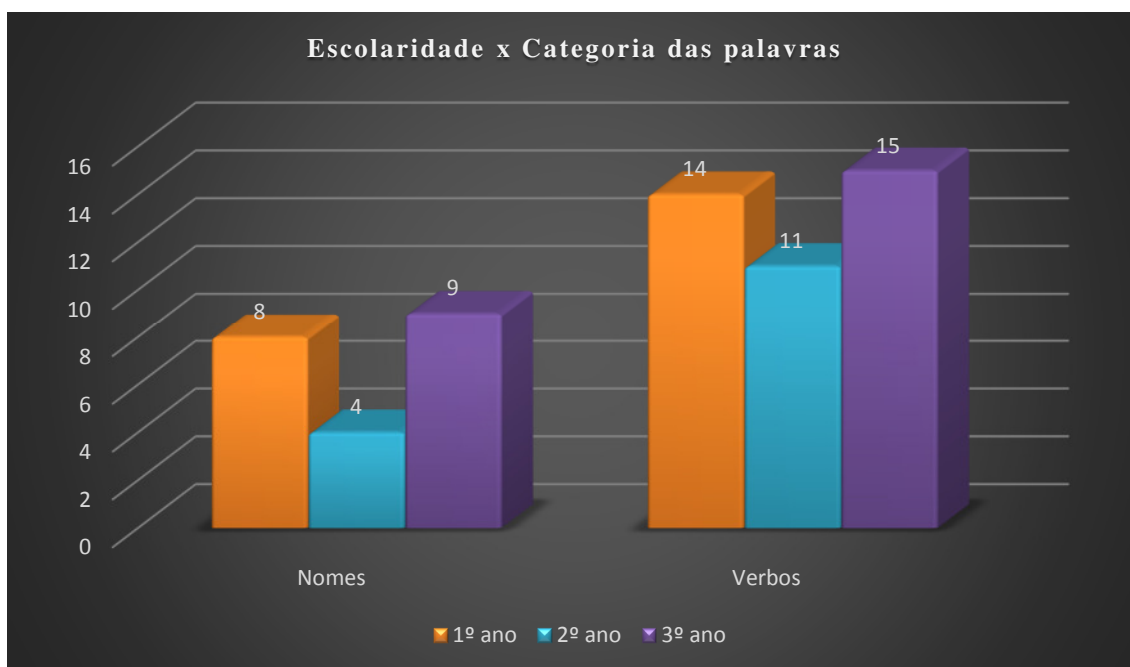
No que se refere à análise relacionada à classe de palavras “verbos”, ficou demonstrado que os alunos da escola pública realizam 82% do fenômeno nessa categoria de palavras. Esse dado indica que a dificuldade está concentrada mais na concordância verbal do que na concordância nominal. Os alunos da escola particular realizam apenas 18% do fenômeno demonstrado, o que leva a entender que há uma maior ênfase por parte dos professores no ensino da concordância verbal.

Gráfico 2

Nesse segundo gráfico será feita a análise da variável classe social (escola pública x escola privada) com a extensão do vocabulário (monossílabo, dissílabo e trissílabo), e pode-se perceber que os alunos da escola pública realizam o fenômeno do destravamento silábico em 16% dos casos com a ocorrência dos monossílabos, 72% dos dissílabos e 76% dos trissílabos.

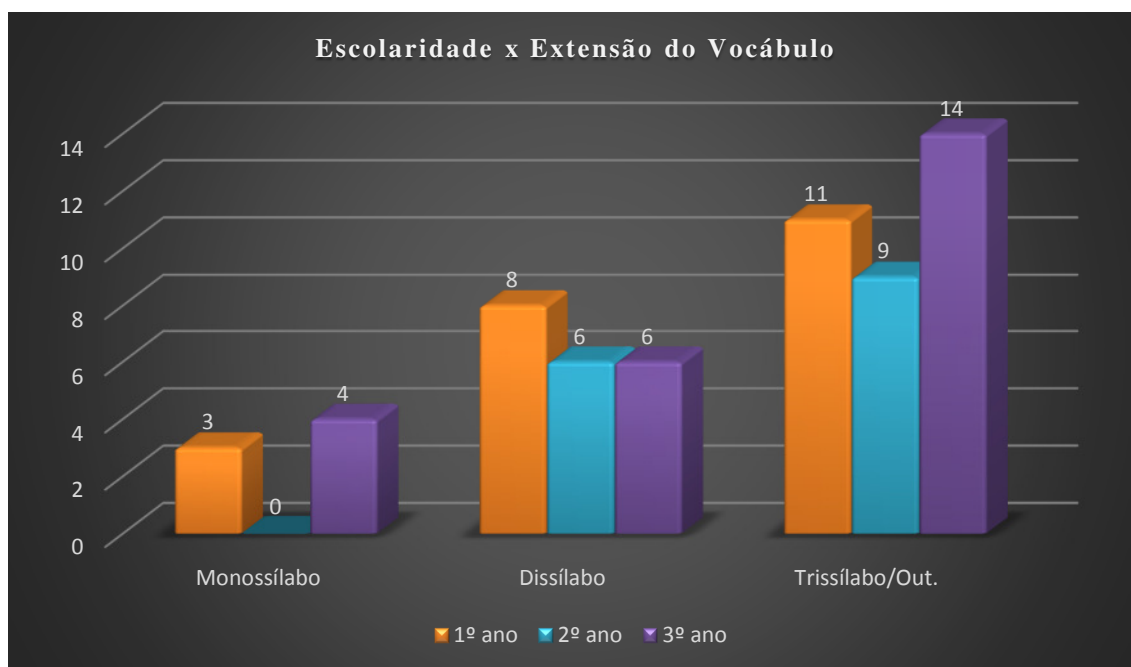
Os estudantes da escola particular, também, realizam o fenômeno, mas em menor proporção. Somente nos monossílabos é que eles realizam em uma porcentagem maior, que é de 84%, já nos dissílabos são 28% e nos trissílabos 24%.

Os resultados demonstram de uma maneira geral que a variável extensão do vocabulário interfere na realização do fenômeno, pois tanto os alunos da escola pública como os da escola particular realizam mais o fenômeno em trissílabos. Além disso, pode-se perceber e reiterar, conforme análise anterior, que os alunos da escola pública realizam bem mais o fenômeno do que os da escola pública. Esse fato corrobora a conclusão de que há uma diferença qualitativa relacionada ao ensino entre as duas escolas, e esse é um fator determinante para a realização do destravamento silábico.

Gráfico 3

Nesse terceiro gráfico a análise dá-se com a variável escolaridade (1º, 2º e 3º anos) em contraste com a categoria das palavras (nomes e verbos). Os resultados demonstram que os alunos do 1º ano realizam o fenômeno em 38% dos nomes e 35% dos verbos. Os alunos do 2º ano realizam o fenômeno em 19% dos nomes e 27% dos verbos. Já os alunos do 3º ano realizam o fenômeno em 42% dos nomes e 37% dos verbos

Na análise desse gráfico, destaca-se que não há uma grande diferença de realização do fenômeno entre as séries estudadas, pois todas realizam de maneira semelhante o destravamento silábico na categoria de palavras nomes e verbos. Esse acontecimento direciona a análise para o entendimento de que a variável escolaridade, nesse ponto específico do ambiente estudado, não teria tanta influência na realização do fenômeno do destravamento silábico.

Gráfico 4

Nesse quarto e último gráfico, é analisada a variável social escolaridade (1º, 2º e 3º anos) com a variável linguística extensão do vocábulo. Os alunos do 1º ano realizam 43% do fenômeno em monossílabos, 40% em dissílabos e 32% nos trissílabos. Os alunos do 2º ano não realizam o fenômeno em monossílabos, mas realizam 30% em dissílabos e 26% em trissílabos. Quanto aos alunos do 3º ano, a realização do fenômeno ocorre da seguinte maneira, 57% nos monossílabos, 30% nos dissílabos e 58% nos trissílabos.

Com base nesses dados, é possível perceber que a ocorrência do fenômeno dá-se, majoritariamente, nas palavras com maior extensão, ou seja, nos dissílabos e os trissílabos. Essa constatação numérica observada nessas porcentagens revela que a variável linguística extensão do vocábulo é fator determinante para a ocorrência do destravamento silábico nas séries do ensino médio.

3.4. Avaliação do fenômeno em sociedade

A ocorrência do fenômeno do destravamento silábico na sociedade é bem amplo, como dito em linhas anteriores. A análise feita mostra que o destravamento silábico, no ensino médio, ocorre na maioria em escolas públicas, principalmente na categoria de palavras “verbos” e na extensão do vocábulo em “trissílabos”. Essa descoberta comprova que há um problema maior em relação à concordância verbal e ao tamanho da palavra, pois quanto maior for a palavra, mais os alunos tendem a derrubar as sibilantes pós-vocálicas, comprovando o que a autora Maria Cecilia Mollica (2003, p. 52) escreveu em

seu livro “Da linguagem Coloquial à Escrita Padrão” --- “os vocábulos pequenos não oferecem qualquer problema ao aprendiz; já as palavras maiores apresentam-se como candidatos a que o alfabetizando deixe de representar, na escrita”.

Por meio dessa pesquisa, foi possível comprovar que o fenômeno do destravamento, que já era comum e recorrente na fala, foi transferido para a escrita, não havendo, por parte dos alunos, preocupação com a distinção entre língua escrita e falada, incorrendo, portanto, em desvios relativos à realização da norma padrão da Língua Portuguesa. Todavia, mesmo sendo tais fenômenos estigmatizados na escrita, os professores não conseguem ter um total controle sobre o seu ensino.

Tais fenômenos que foram estudados neste trabalho, como se sabe, são, praticamente, imperceptíveis na fala da atualidade, mas na escrita são, absolutamente, notórios e altamente corrigidos, se tornando objetos de estigmatização e preconceito linguístico, tornando seus usuários, facilmente vítimas de discriminação e preconceito.

Outra análise importante é a da diferença entre as escolas particulares e públicas, dado que, nitidamente, podem ser percebidas diferenças entre os resultados de um e outro tipo de ensino/escolas, já que os alunos das escolas públicas registraram, em todos os níveis da pesquisa, bem mais o fenômeno em foco do que os alunos das escolas particulares. Mostrando assim o vácuo que distancia um ensino do outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados alcançados com essa pesquisa podem ser considerados satisfatórios na medida do que me propus a fazer. Consegui, creio eu, de maneira coerente, demonstrar a ocorrência do fenômeno estudado de uma maneira que possa contribuir para eventuais pesquisas, muito embora assumo-se que uma análise mais profunda dos microfenômenos deverá ficar para um próximo estudo, uma pesquisa mais detalhada e ampla, futuramente.

Nesse momento final do estudo, no entanto, faz-se necessário dar espaço à algumas questões que me propus a responder no início deste trabalho, e que não podem ficar sem suas devidas respostas. Sobre a questão do porque este fenômeno do destravamento estar ocorrendo na fala dos brasileiros é possível depreender que isto se dá pela própria adaptação da língua portuguesa, que de acordo com alguns autores tendem a voltar às suas origens, o português arcaico. Nessa língua, a maioria desses fenômenos fazia parte da norma padrão da época, ou seja, esses falantes que tendem a realizar tais

fenômenos não estão cometendo erro algum, apenas mantiveram um padrão diferente de outras variedades e sua respectiva evolução na língua.

Outra questão de pesquisa colocada inicialmente é se o processo de destravamento é recente ou não na língua portuguesa. Com relação a isso, posso responder que “não”; esses fenômenos estudados aqui e também outros ocorrem na nossa língua desde a sua formação, pois, como já se viu a Língua Portuguesa como qualquer outra língua não é estática, ela está em constante transformação.

A última questão levantada foi a respeito do porque as consoantes finais [s] e [r] serem mais tendenciosas a cair do que as outras, mas diferentemente do que pensava, constatei que a consoante com mais queda nos dados analisados foi a nasal [m], demonstrando que a maior dificuldade dos alunos está ocorrendo na esfera da concordância verbal.

Por fim, gostaria de destacar que, dada a magnitude do fenômeno analisado neste artigo, o destravamento silábico, certamente, poderá o mesmo inspirar muitos trabalhos futuros, como uma análise microscópica de cada sibilante pós-vocálica analisada aqui, a queda das mesmas sibilantes em meio de palavras, além das quedas dos ditongos, uma vez que, como reiterou-se ao longo deste estudo, o fenômeno pode ter uma abrangência maior do que a contemplada neste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MOLLICA, Maria Cecília. **Da linguagem coloquial à escrita padrão**. Editora 7 Letras. Rio de Janeiro. 2003.
- LEITE, Yonne/ CALLOU, Dinah. **Como falam os brasileiros**. Editora Zahar. 4ª ed. Rio de Janeiro. 2010.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. Parábola Editorial. São Paulo. 2004.
- SILVA, Thaís Cristófar. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. Editora Contexto. 9. ed. São Paulo. 2007.
- FERREIRA NETTO, Waldemar. **Introdução à fonologia da língua portuguesa**. Editora Hedra. São Paulo. 2001.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Análise fonológica: introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico**. Parte I. Edição do autor. Campinas, SP. 1997.
- HENRIQUES, Claudio Cezar. **Fonética, fonologia e ortografia: estudos fonortográficos do português**. Editora Elsevier. 2ª reimpressão. Rio de Janeiro. 2007.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. Parábola Editorial. São Paulo. 2007.
- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. Editora Contexto. 15. ed. São Paulo. 2006.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio/ DIONISIO, Angela Paiva. **Fala e escrita**. 1ª ed. 1ª reimpressão. Editora Autêntica. Belo Horizonte. 2007.
- CUNHA, Celso/ CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro. 1985.
- MESQUITA, Roberto Melo. **Gramática da língua portuguesa**. 3ª ed. Editora Saraiva. São Paulo. 1995.

CUNHA, Celso/ CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5ª ed. Editora Lexikon. Rio de Janeiro. 2008.